



SEGUNDA-FEIRA

Lembranças de um menino anotador

Calejado por décadas interpretando os mais diversos personagens, **Paulo Betti** revela os prazeres e desafios de ser ele mesmo no palco. Seu texto **'Autobiografia Autorizada'** já rodou Brasil e exterior e **agora retorna em temporada gratuita em Brasília** e cidades do interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. **Página 2**

‘Não tenho uma personagem para me esconder’

Filho de família camponesa, Paulo Betti mergulha nas memórias de família em espetáculo que ele define como sendo de 50% humor, 25% poesia e 25% drama

Paulo Betti, aos 73 anos, retorna aos palcos com a segunda edição do projeto “De Carona com a Cultura”. A turnê leva o monólogo “Autobiografia Autorizada” a 11 cidades espalhadas por São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal entre junho e julho, com entrada gratuita para todos os públicos.

O espetáculo, que estreou em março de 2015 no Centro Cultural Correios, no Rio de Janeiro, é uma obra autobiográfica escrita e interpretada por Betti. A peça reúne textos que o ator escreveu durante a adolescência e artigos que publicou por quase três décadas em jornal de sua cidade natal, Sorocaba (SP). Em cena, Betti representa vários personagens de sua vida — seu pai, mãe e avó — em um exercício que mistura humor, emoção e reflexão sobre sua trajetória. Desde sua estreia, o monólogo já realizou mais de 300 apresentações no Brasil e no exterior.

Nascido em contexto rural, Betti é filho de uma camponesa analfabeta que se tornou empregada na cidade. Seu avó, imigrante italiano, trabalhava como meeiro para um fazendeiro negro — uma situação que o próprio ator destaca como inusitada. “Meu avó, por exemplo, era um imigrante italiano que trabalhava a meia para um fazendeiro negro. Veja, não é uma situação muito comum... eu ia para a roça e via a Casa Grande do ponto de vista da senzala”, relata Betti. Ele foi o décimo quinto filho, nascido dez



‘Autobiografia Autorizada’ reúne textos que Paulo Betti escreveu durante a adolescência e artigos publicados em jornal de sua cidade natal

“Eu sempre anotei muito, fui um menino anotador. Quando resolvi fazer a peça, escrevê-la, percebi que tinha inúmeros cadernos e um cadernão especial, onde tudo estava anotado. A peça estava pronta”

PAULO BETTI

anos após sua mãe ter tido os outros 14. “Quando ela tinha 45 anos, eu nasci, não é muito normal, né? Por isso escrevi o monólogo”, explica o ator. Apesar das dificuldades, Betti conseguiu estudar em boas escolas, cursou um Ginásio Industrial em tempo integral, formou-se pela Escola de Arte Dramática da USP e

lecionou na Unicamp entre 1977 e 1984.

A transformação de memórias em arte foi um processo natural para o ator. “Eu sempre anotei muito, fui um menino anotador. Quando resolvi fazer a peça, escrevê-la, percebi que tinha inúmeros cadernos e um cadernão especial, onde tudo estava

anotado. A peça estava pronta”, destaca o ator. Ele reconhece que quase tudo que se produz em arte está relacionado com a memória. “Quase tudo que produzimos, em arte, está relacionado com nossa memória, portanto isso é um processo natural. Estou mergulhado nas minhas memórias e aproveito para ler ‘Em bus-

ca do tempo perdido’, de (Marcel) Proust. Essa viagem não tem fim”, afirma Betti, comparando seu trabalho com a obra do escritor francês.

A peça é um amálgama do Brasil profundo, com iluminação, figurino, trilha sonora e projeções que complementam a narrativa. Betti descreve a proporção de elementos que compõem o espetáculo: “Minha peça é 50% humor, 25% poesia e 25% drama”. Essa combinação cria uma experiência que alterna momentos de leveza com reflexões profundas sobre a vida.

Após décadas interpretando personagens de outros, Betti enfrenta um desafio único ao representar a si mesmo. “É uma delícia, ao mesmo tempo é doloroso, não tenho uma personagem para me esconder, se bem que os personagens mais nos revelam que escondem. Talvez representando a mim mesmo eu esteja mais escondido que nunca”, reflete o ator sobre essa experiência.

Segundo ele, a plateia responde intensamente a essa vulnerabilidade. “Antes de começar acho que vou morrer, que não vou conseguir. Quando acaba me sinto recarregado. É doloroso receber em cena meus pais e avós, reviver tantas lembranças mas, ao mesmo tempo é uma delícia, um prazer um privilégio poder contar minha história de vida”, descreve.

“Quero que o público se transporte, que as palavras e as imagens façam com que participem da minha história e, ao mesmo tempo, recriem as suas próprias”, comenta Betti sobre a proposta do espetáculo.

Além da apresentação teatral, Paulo Betti oferecerá workshops de interpretação para teatro e TV nos mesmos locais, sempre a partir das 14h30. Os encontros são direcionados para artistas e aspirantes das artes cênicas e abordam a relação entre o ator e a câmera ou o palco, suas implicações na interpretação, na relação com o espaço, corpo, voz, imagem e verdade cênica. Todas as apresentações contarão com sessão acessível com intérprete em Libras, garantindo acesso amplo ao conteúdo para o público portador de deficiência auditiva. A primeira edição do “De Carona com a Cultura”, projeto cultural da Transpetro, em 2025, passou por sete cidades do interior de São Paulo e quatro do Rio Grande do Sul entre agosto e setembro, com ingressos que se esgotaram em 72 horas em algumas localidades.

A turnê de 2026 terá apresentações em São José dos Campos (19/6), São Bernardo do Campo (21/6), Santo André (22/6), Valinhos (23/6), Uberaba (26/6), Uberlândia (27/6), Senador Canelo (28/6), Bonfinópolis (29/6), Alexânia (30/6), Brasília (9/7) e Santo Antônio do Descoberto (10/7). Todas as apresentações começam às 20h. Informações sobre ingressos e detalhes adicionais estão disponíveis no site www.decarona-comacultura.com.br e nos locais de apresentação.



'Poemas', com André Torquato (esq) e Marcos Pitombo, marca um encontro vetorizado por inquietações

De verso em verso se faz vida

'Poemas', texto de Gabriel Chalita, encenado sob a direção de Duda Maia, transforma o palco do Fashion Mall numa gira onde as dores e as delícias do mundo são motor da criação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Neste 12 de junho, mais conhecido como Dia dos Namorados, os palcos cariocas acolhem um gesto de amor à arte de escrever versos – como um signo das múltiplas e, por vezes, perigosas desinências do verbo “viver” – egresso de São Paulo, com a assinatura de Gabriel

Chalita em sua dramaturgia: “Poemas”. Estreia aqui no teatro Fashion Mall. Traz consigo uma reflexão sobre a necessidade de se encontrar beleza mesmo em tempos difíceis, muito pertinente para um ano de eleição... e de Copa do Mundo... num país polarizado, onde curte-se o ódio a cada post das redes sociais.

Na direção, Duda Maia, uma lúdica artesã da cena, consagrada pelo inesquecível “Auê” (2016), com a Barca dos Corações Partidos), põe os atores André Torquato e Marcos

“No espetáculo a busca do poema é metafórica, não é sobre escrever um poema de forma literal, mas sobre a necessidade humana de criação. O desejo de criar um poema abre espaço para memórias, lembranças e planos futuros. Acho que quando visitamos nossa capacidade criativa não estagnamos” **DUDA MAIA**

Pitombo para interpretar o encontro entre dois personagens que tentam criar estrofes. Nesse processo, atravessam lembranças da infância, medos, afetos e perguntas sobre o futuro. Tem humor e tem delicadeza nesse jogo, estruturado sob uma atmosfera imaginativa, para falar de solidão, ansiedade, memória e o mais (demasiadamente) humano de todos os vícios: a esperança.

“No espetáculo a busca do poema é metafórica, não é sobre escrever um poema de forma literal, mas sobre a necessidade humana de criação”, explica Duda. “O desejo de criar um poema abre espaço para memórias, lembranças e planos futuros. Acho que quando visitamos nossa capacidade criativa não estagnamos. ‘Poemas’ é uma homenagem à vida que se constrói com movimento”.

Com desenho de luz assinado por Gabriele Souza e som de Vitor Osório, a encenação de Duda Maia é pautada numa dualidade entre palavra e corpo. Nessa fricção, com dois atores em fina comunhão, a dimensão solitária da existência salta aos olhos, a partir das investigações

trazidas por Chalita.

“A escrita de uma peça de teatro é sempre um exercício de solidão”, diz o autor. “De solidão e de memória. De solidão e de uma intenção amorosa de contar uma história. Depois de escrita buscamos outras mãos para que o teatro aconteça. O encontro com Duda Maia, que dirige o espetáculo, foi mágico. Ela conseguiu colocar em cena as inquietudes que me levaram a escrever a peça. A palavra carpintaria é muito adequada aqui. Porque se trata de um trabalho delicado. Tanto no texto quanto na encenação. Encontramos dois atores talentosíssimos, André Torquato e Marcos Pitombo, que estão inteiros no espetáculo. O que leva o espectador a viver a aventura do teatro. Do vento que venta memórias e futuros”.

Responsável por extrair teatro da “Guerra Dentro da Gente”, de Paulo Leminski (1944-1989), numa encenação de respeito, Duda conta com cenografia e figurino de Stephanie Fretin e André Cortez em “Poemas”. A direção musical e a trilha sonora são de Dessa Ferreira. Na troca com Chalita, a encenadora

abriu um convite para poetizar dois mundos, que ele define como “o de dentro e o de fora” e “o eu comigo e o eu com o outro”, destacando o tanto de feridas a serem suturadas e o tanto de amanhecer neste mundo a ser celebrado.

Ao viver essa celebração (e essa sutura) na carne e no gesto, Pitombo explica: “O texto tem um objetivo, que é construir um poema que pretende salvar o mundo. E que mundo é esse? Será que fala do mundo físico, de todo mundo, do mundo à minha volta, ou do meu mundo particular, o nosso mundo de dentro? A gente fala um pouco sobre o que nos inspira, sobre nossas dores e sobre o que nos move”, comenta.

Seu parceiro de “escrevivência” cênica, André Torquato ressalta que a escrita de Chalita não oferecer explicações. “Em vez de buscar respostas prontas, o espetáculo cria um espaço de escuta, de silêncio, de vento, onde o que parece escuro pode, de repente, acender pequenas luzes”, diz o ator. “São dois personagens tentando escrever o poema que falta, mas talvez o que mais interessa não seja o poema em si, mas esse processo de busca. Às vezes é no mistério que a gente se salva”.

SERVIÇO

POEMAS, DE GABRIEL CHALITA

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - São Conrado)
De 12/6 a 26/7, com sessões em dias e horários variados devido à Copa do Mundo: 12/6, às 20h30; 20/6, às 18h e 20h30; 21/6, às 17h; 3, 4, 10, 11, 17, 18 e 25/07, às 20h30; e 26/7, às 17h.
Ingressos: Plateia - R\$ 120 e R\$ 60 (meia) | Plateia Superior - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

TRIBECA
FILM
FESTIVAL

RODRIGO FONSECA*

Especial para o Correio da Manhã

Rola esta noite, em Nova York, na sala Village East, a última sessão do longa brasileiro “Funk” na Competição Internacional do Festival de Tribeca, depois de um fim de semana consagrador para o novo longa-metragem de Aly Muritiba (“Barba Ensopada de Sangue”) e sua estrela, Duda Santos. Num Rio machista, sua personagem, Sabrina, reina no pancadão dos bailes. Divo do Brasil no mundo, premiado por Cannes e pelo Globo de Ouro, o baiano Wagner Moura teve seu espaço sob os holofotes, na maratona cinéfila nova-iorquina (criada por Robert De Niro há 25 anos), no elenco do drama “The Last Day”, de Rachel Rose.

No sábado e no domingo, o evento americano conferiu os novos passos do astro de “O Agente Secreto” ao lado da sueca Alicia Vikander (que filmou “O Jogo da Rainha”, com o cearense Karim Aïnouz). Inspirado em “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, o longa narra o bloqueio criativo da escritora Julia (Alicia), às voltas com um antigo amor chamado Peter (Wagner). É uma trama sobre revisão de carreira e reconstrução de caminho, dois processos que marcam Tribeca dentro e fora das telas, uma vez que sua programação é um convite para astros de prestígio de Hollywood redesenharem seus rumos, em projetos indie. É o caso de “Clean Hands”, com Zach Braff.

Aclamado nos anos 2000 nas veredas da comédia com a série médica farofa “Scrubs”, hoje de volta ao streaming, Braff abre a mão da gargalhada no thriller baseado numa história verídica, que o leva agora, às telonas de NY, no papel do policial Kevin Simmers, um agente da brigada antidroga que luta contra o agravamento da dependência de opiáceos da sua filha de 19 anos, Brooke (Esther McGregor). Acostumado a limpar as ruas de Hagerstown, Maryland, uma rota da heroína, ele vê a pessoa que mais ama lutar contra o vício, em casa, repensando as táticas de guerra contra os narcóticos. É um trabalho que pode levar Braff ao Oscar.

“A gente amadurece, mas não perde o tom”, disse o astro ao Correio da Manhã, numa entrevista mediada pela Golden Globe Foundation, ao falar das guinadas de sua carreira com a retomada de



Alicia Vikander com Wagner Moura em ‘The Last Day’, dirigido por Rachel Rose

Em Tribeca, estrelas se reciclam

Astros de peso como Dustin Hoffman, Emilia Clarke, Katie Holmes e Zach Braff buscam novos desafios para suas carreiras na seara indie dos EUA, que tem na maratona de NY uma vitrine



‘The Revisionist’ põe o gigante Dustin Hoffman entre Alison Brie e Tom Sturridge

“Scrubs”. “É preciso preservar o tom de loucura das personagens, mas entender que eles envelhecem e o mundo muda”.

Castigada como deus pela vida ao longo de seus seis anos de casamento com Tom Cruise, Katie Holmes também está em Tribeca para se refazer... mas como cineasta. Ela dirige e estrela o que promete ser um dos maiores sucessos do festival: “Happy Hours”. Nele, reencontra seu colega da série “Dawson’s Creek”: Joshua Jackson. A atriz e cineasta interpreta a recém-divorciada fotógrafa Liz, sempre rodeada de casais felizes. Ao passar por uma livraria que anunciava uma palestra com um escritor de livros de viagens, Liz fica paralisada ao perceber que o sujeito foi seu namoradinho de



Almut (Florence Pugh e Tobias (Andrew Garfield) vivem uma paixão daquelas de dar nó no peito da gente

RODRIGO FONSECA

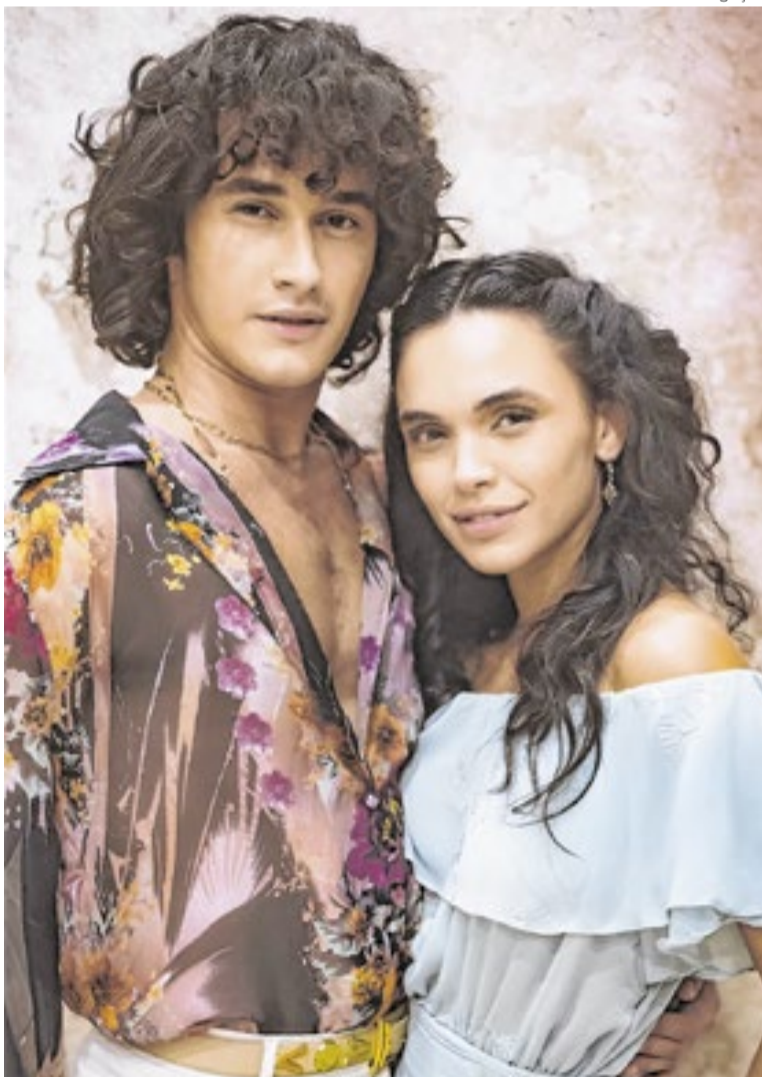
Especial para o Correio da Manhã

Coqueluche em sua passagem pelo Festival de San Sebastián de 2024, onde foi a atração de encerramento, “Todo Tempo Que Temos” (“We Live In Time”) ganha novo – e afetuoso – lugar no coração da cinefilia brasileira a partir desta segunda-feira, ao estrear na “Sessão da Tarde” da Globo. Passa às 15h30, como um esquentado para o Dia dos Namorados. Sabe aquele tipo de produção que faz a gente suspirar? Pois então, o longa-metragem do aclamado diretor teatral e sazonal cineasta irlandês John Crowley (de “Brooklyn”) é desses.

Exibido no Festival do Rio, num Odeon lotado, esse drama romântico é daquelas narrativas fofas (tipo “P.S.: Eu Te Amo” ou “Um Lugar Chamado Notting Hill”) que arrastam multidões às salas e duram uma eternidade na lembrança da gente. A produção é assinada por Benedict Cumberbatch (o Doutor Estranho da Marvel) e renova uma tradição outrora muito perseguida pelo audiovisual inglês – vide “Desencanto”, de David Lean. A patrulha do politicamente correto vai se irritar, e muito, com a representação crua, sem estilização, da nudez, aplicada a seu par estrelas.

Há um ethos nesse filme mais próximo do cinema popular praticado nos anos 1940 – tanto o hollywoodiano quanto o britânico – do que do comportamento dos anos 2020. Temos um engenheiro de computação, Tobias (Andrew Garfield, sublime em cena), que quer viver agarradinho com sua paixão e ter filhos, de modo a repetir o pretérito perfeito que viu seu pai experimentar. Temos também uma chef um tanto cética, Almut (Florence Pugh, em seu desempenho mais sinuoso e mais tocante), que não se deixa

Na estética do benquerer



“Meu Sangue Ferve Por Você” é a aposta da Globo para seu vespertino na terça

amolecer por qualquer carinho, mas acaba arrebatada pelo jeito bom moço de Tobias.

Há incongruências entre eles, fato que há. Não esqueçam da máxima do dramaturgo Jean Anouilh: “Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga”. Apesar de ruídos aqui e ali, principalmente alguns envolvendo o desejo dela

de não ser mãe, forma-se uma covalência da mais alta plenitude entre eles. Só que esse par vai formar um triângulo com um ente nada bem-vindo: um câncer de ovário.

O que acompanhamos ao longo de uma hora e 47 minutos de uma montagem não linear, que volta no tempo aqui e avança nele acolá, é uma batalha épica, trava-

O drama de amor ‘Todo Tempo Que Temos’ pede passagem à ‘Sessão da Tarde’ cavando a adesão popular da TV aberta à ‘love story’ entre Florence Pugh e Andrew Garfield

da em dupla, não só contra uma doença terminal, mas contra o relógio. “Não usaria o termo ‘heroico’ para definir a postura deles, mas entendo que as pessoas encarem assim, uma vez que se trava uma batalha pela vida. O ponto é que pessoas que enfrentam doenças terminais não se enxergam como heróis, buscando apenas abraçar as chances que têm de seguir na Terra”, disse Garfield ao Correio da Manhã em resposta na coletiva de imprensa do filme em San Sebastián.

O ex-Homem-Aranha tem uma atuação primorosa ao lado de Florence e disparam entre os

potenciais candidatos à estatueta hollywoodiana, assim como Crowley vê seu prestígio no audiovisual crescer. “A única perspectiva que funciona dramaturgicamente num contexto de dor como este é alternância entre o romantismo e o lirismo”, disse o diretor ao Correio em San Sebastián. “É um filme sobre os mistérios do querer”.

Na versão brasileira que a Globo vai exibir, Carina Eiras dubla Florence. Sergio Cantú é o dublador de Garfield.

Nesta “Tela Quente”, às 23h15, a Globo ataca de “Rodeio Rock”, de Marcelo Antunes, com Lucas Lucco. Na trama, um aspirante a roqueiro é forçado a substituir um astro do sertanejo, e se depara com uma grande decisão: perder a própria identidade ou seguir seu coração.

Nesta terça, a boa da “Sessão da Tarde”, também às 15h25, é “Meu Sangue Ferve Por Você”, de Paulo Machline, que narra a história da paixão à primeira vista entre a jovem Magali West e um aspirante a astro canoro chamado Sydney Magal. O amor foi iniciado em 1982, com uma troca de olhares em um concurso de beleza. Nascido e criado em uma família de artistas, Magal iniciou sua carreira em casas noturnas nos anos 1970 e 80, estourando como um cantor de músicas românticas e, principalmente, sensuais. Dividindo o palco com nomes como Alcione e Emílio Santiago, conseguiu alcançar uma popularidade equivalente a de um mito. Giovana Cordeiro e Filipe Bragança assumem os papéis principais.

Um pinot que o tempo soube preservar

Romanée-Conti de 127 anos é aberto em jantar especial e surpreende por sua longevidade

AFFONSO NUNES

É comum se dizer que vinhos melhoram com o passar do tempo. Mas o que dizer de um vinho de casta delicada envasado há 127 anos? Abrir um Romanée-Conti safra 1899, como ocorreu recentemente em um jantar reservado na Borgonha, é o tipo de acontecimento que une o rigor da enologia ao encanto da história. Avaliado em mais de 100 mil euros (R\$ 600 mil), o vinho repousou quase 13 décadas antes de finalmente reencontrar a luz — e o ar. A comprovação da data se deu pela marca intacta “1899” na rolha original, ainda visível através do vidro.

Esta trajetória, silenciosa e improvável, começou no final do século XIX, passou pela filoxera que



Reprodução Instagram

Garrafa passou décadas guardada na adega de uma antiga família aristocrática francesa

devastou vinedos da Europa, atravessou guerras, e crises até a garrafa ser descoberto quase por acaso em um leilão onde era apenas uma garrafa entre muitas. Mas garrafas não são iguais. Algumas carregam tempo, história e uma estranha resistência que desafia o óbvio.

A garrafa acabou adquirida pelo empresário e investidor de vinhos de Singapura Soo Hoo Khoon Peng, conhecido por negociar rótulos raros. Cerca de um ano depois da compra, ele decidiu organizar uma

degustação privada para abrir a relíquia. Ao ser servido a um grupo de especialistas, o vinho ostentou uma cor entre âmbar e laranja queimado, tonalidade comum em tintos centenários que evoluíram lentamente.

A evolução de um vinho tão antigo é um processo delicado: ao longo das décadas, os pigmentos se desfazem, os taninos se dissolvem,

os aromas primários — frutas frescas e flores — cedem espaço aos chamados aromas terciários, construídos por anos de oxigenação minúscula através da rolha. É nesse momento que surgem notas de flores secas, chá preto, especiarias finas e madeiras antigas. Em geral, um vinho com mais de um século está morto ao ser aberto. Este, porém, mostrou vitalidade suficiente para surpreender especialistas experientes, revelando acidez viva, textura suave e um final que persis-

tia como lembrança teimosa.

O feito impressiona ainda mais quando comparado a outros vinhos históricos. Há registros de degustações emocionantes de Madeira do século XVIII, que resistem graças ao estilo naturalmente oxidativo, e do lendário Château d'Yquem 1811, cuja doçura e acidez formam um cinturão de proteção quase eterno. Vinhos do Porto de safras antigas também ocasionalmente cruzam o tempo com mérito. Mas todos esses exemplos pertencem a categorias naturalmente longevas — fortificados e doces têm mecanismos de defesa intrínsecos contra o tempo. Já o Romanée-Conti de 1899 é um Pinot Noir, uma casta delicadíssima, conhecida por sua transparência aromática e fragilidade. Isso torna sua sobrevivência um fato extraordinário.

Parte da explicação reside no produtor. O Domaine de la Romanée-Conti, ou simplesmente DRC, é a joia mais cobiçada da Borgonha e, para muitos críticos, o ápice da Pinot Noir no planeta. Em um vinhedo de pouco menos de dois hectares — tamanho de um pequeno parque de bairro — nascem algumas das garrafas mais reverenciadas do mundo. A Borgonha, com seus solos calcários, clima temperado e obsessão pelo terroir, não produz vinhos para impressionar pelo excesso, mas sim para acompanhar, com nuance e precisão, a identidade da terra. Romanée-Conti é a expressão máxima dessa filosofia. Não é um vinho feito para estardalhaço; é feito para durar — e, às vezes, para sobreviver ao impensável. Talvez por isso um dos privilegiados presentes à degustação tenha descrito o momento como “um milagre.”

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Inverno no Kitchin

Com a chegada do inverno, o Kitchin, no Shopping Leblon, destaca sugestões do cardápio que combinam conforto e sofisticação da culinária japonesa contemporânea. Entre os destaques estão o Kakiague de Milho e o Ebi Spicy nas entradas, além do Yakimeshi de Camarão e Polvo e do Teppan Filé Mignon entre os pratos quentes. Para harmonizar, a casa sugere opções como o saque Hakutsuru Junmai Dry, o vinho Rutini Encuentro Malbec e o drinque Boulevardier. A experiência termina com um acolhedor Brigadeiro de Colher.



Divulgação

Omakase de Inverno

O Naga, na Barra da Tijuca, lança seu novo Omakase de Inverno, menu degustação em 16 etapas criado pelo chef japonês Massahiko Iguchi, conhecido como Hikosan. Inspirada na filosofia japonesa que celebra as quatro estações do ano, a experiência aposta em ingredientes sazonais, sabores mais encorpados e preparações quentes para os dias mais frios. Entre os destaques estão a Centolla com Wakame no Sumissô, o Shabu-shabu de Kagoshima Gyu, o Temaki de Black Cod e o Sashimi de Bluefin Toro.



Divulgação

Noite especial

A chef Tatiana Alvarenga promove, no dia 12, uma experiência gastronômica exclusiva para celebrar o Dia dos Namorados no Zona Sul Barra (Érico Veríssimo). O menu harmonizado inclui camarão pochê de entrada, salmão com redução de espumante rosé como prato principal e sobremesa de morango pochê em chá de jasmim. Os vinhos foram selecionados especialmente para acompanhar cada etapa do jantar. Os ingressos custam R\$ 250 e dão direito a R\$ 50 de cashback em compras no Zona Sul.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

O Rio posa para mim

Ruy Castro me olha como quem examina um negativo antigo: aproxima os olhos, procura a luz certa, tenta adivinhar o que ficou fora do enquadramento. Dizem que ele me vê mais jornalista do que fotógrafo, mais cronista do que repórter, e talvez esteja certo. A câmera, para mim, nunca foi apenas máquina; foi pretexto para permanecer na rua. O que me interessava não era a foto perfeita, mas o instante imperfeito em que a cidade se revelava humana.

Ruy gosta dessas figuras que caminham entre a fumaça dos bares e a poeira das redações, gente que recolhe histórias do chão. Talvez por isso me trate como personagem de um Rio que insiste em sobreviver. Ele sabe que o fotógrafo não chega antes do acontecimento; chega junto, ofegante, espremido na multidão, tentando salvar um fragmento do dia para a edição da manhã seguinte.

Imagino Ruy descrevendo meu ofício: “Carlos Monteiro não fotografava monumentos; fotografava o que passava diante deles.” É verdade. O Rio nunca coube inteiro no Pão de Açúcar ou no Corcovado. O Rio estava no jornaleiro que assoviava samba às seis da manhã, na garçonete que equilibrava bandejas em Copacabana, no aposentado que alimentava pombos na Cinelândia, no menino que mergulhava na Praia do Flamengo como se desafiasse a própria cidade. Era esse Rio que eu perseguia.

Ruy, que conhece como poucos a geografia sentimental da cidade, talvez percebesse também minha melancolia. Toda fotografia nasce de uma perda: o momento desaparece no exato segundo em que o obturador se fecha. O cronista tenta remediar isso com palavras; o fotógrafo, com luz. Eu tentava com os dois. Por isso minhas imagens vinham quase sempre acompanhadas de frases, pequenas legendas que eram confissões disfarçadas.

Se me perguntassem como Ruy Castro me enxergaria, eu diria: como um homem que passou a vida procurando o Rio nos rostos. Não o Rio oficial das placas e cerimônias, mas o Rio das esquinas, dos botecos, das madrugadas úmidas, das conversas interrompidas pelo bonde. Um sujeito que descobriu tarde que a fotografia é apenas outra forma de escrever crônicas — só que com silêncio.

E talvez ele concluísse, com a ironia afetuosa que lhe é própria, que eu nunca consegui decidir se era fotógrafo ou cronista. A verdade é que nunca precisei escolher. No Rio, basta sentar à mesa de um café, observar a rua e esperar. A cidade sempre acaba posando.

